



ISSN 1981 - 3031

## **PEDAGOGIA DA INDIGNAÇÃO: UMA ANÁLISE SOBRE O CURRÍCULO ESCOLAR NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE E DA ALTERIDADE.**

Adriana Ricardo Sobral Santos (UFAL)

[ricardosob@hotmail.com](mailto:ricardosob@hotmail.com)

### **Resumo:**

Este trabalho propõe analisar do livro de Paulo Freire, “Pedagogia da Indignação”, que foi organizado por sua esposa Ana Maria Freire, contendo cartas que foram intituladas como “Cartas Pedagógicas”. Esta análise se guiará por intermédio do referencial teórico pós- estruturalista baseado principalmente em autores como Stuart Hall e Tomaz Tadeu da Silva, objetivando relacionar as “Cartas Pedagógicas” escrita por Paulo Freire com a prática e o curricular escolar atualmente, principalmente no que se refere o reconhecimento e a alteridade.

**Palavras- chaves:** Currículo, Identidade e Alteridade.

### **Pedagogia da Indignação: uma análise sobre o currículo escolar na formação da identidade e diferença dos alunos.**

Vivemos em uma sociedade que está muito presa ao medo da violência e suas conseqüências. No meio dessa sociedade da “cultura do medo” está presente a escola e o seu currículo.

Será que estamos aptos, como educadores, a lidar em sala de aula com o tema "violência"? Será que os conteúdos que trabalhamos, em sala de aula, ajudam na formação de uma sociedade justa, acolhedora e que saiba lidar com as diferenças das pessoas.

Consciente, destes fatos, Paulo Freire escreveu, antes de sua morte, "Cartas Pedagógicas" que estão presentes no livro "Pedagogia da Indignação" que foi escrito por Ana Maria Araújo Freire, sua esposa.

Por conta disso, este trabalho visa analisar as "Cartas Pedagógicas" que Paulo Freire escreveu nos anos de 1996 a 1997, e que estão no livro Pedagogia da Indignação. Analisar do ponto de vista pós-estruturalista, trazendo as concepções de identidade e diferença que autores como Tomaz Tadeu da Silva e Stuart Hall abordam, como essa concepção influencia a pedagogia atual.

Para iniciarmos este trabalho iremos abordar os seguintes tópicos: no primeiro iremos trazer estudos sobre a identidade e a diferença na posição Pós- Estruturalista, enfatizando os estudos e os pensamentos de dois estudiosos sobre o assunto: Tomaz Tadeu da Silva e Stuart Hall.

Após isso iremos abordar a origem do livro "Pedagogia da Indignação, e sua apresentação, quais foram os motivos que levaram Ana Maria Araújo Freire a reunir cartas que seu esposo Paulo Freire escrevera antes de sua morte em 2 de maio de 1997, como ela aborda questões pessoais, como ela relata as escritas destas cartas, e os motivos sociais e políticos que levaram Paulo Freire escrevê-las.

Mais adiante analisaremos as três cartas contidas no livro Pedagogia da Indignação: "Do espírito deste livro"; "Do direito e do dever de mudar o mundo"; "Do assassinato de Galdino Jesus dos Santos – índio pataxó".

Quais são as concepções de homem, sociedade, visão pedagógica contida nestas cartas, porque um autor como Tomaz Tadeu da Silva e professores que defendem a posição- estruturalista consideram Paulo Freire com um dos pioneiros na busca da identidade e da valorização da cultura popular em seus escritos.

Quais as contribuições que Paulo Freire deixa nestas cartas que nós podemos usar em sala de aula para compreender e trabalhar a questão de currículo que visa à construção do reconhecimento da identidade e da diferença de

nossos alunos, melhorando assim a convivências dos alunos e alunas em sala de aula, na escola, na família e na sociedade.

### **1.0 A Identidade e a Diferença na Posição Pós- Estruturalista na construção de uma Pedagogia da Identidade e da Diferença.**

Para analisar a influência e a importância da questão da identidade e da diferença para o nosso trabalho curricular pedagógico em sala de aula irei buscar conceitos de identidade e diferença na posição pós- estruturalista, por entender que a posição que mais atende as necessidades e conflitos encontrados em sala de aula. Para isso irei me basear nos conceitos desenvolvidos e apresentados por Tomaz Tadeu da Silva (2009) e Stuart Hall (2006) sobre identidade e diferença.

Quando a questões do multiculturalismo são tratadas sem uma teoria da identidade e da diferença, surge então o apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença. Não podemos abordar o multiculturalismo em educação simplesmente como uma questão de tolerância e o respeito para com a diversidade cultural.

Para os autores como SILVA (2009) e HALL (2006) esses nobres sentimentos impedem que vejamos a identidade e a diferença como processo de produção social, como processos que envolvem relações de poder. Para os autores ver a identidade e a diferença como uma questão de produção significa tratar as relações entre as diferenças culturais não como uma questão de consenso, de diálogo ou comunicação, mas como uma questão que envolve, fundamentalmente, relação de poder.

A identidade e a diferença têm que ser constantemente criadas e recriadas. Têm a ver com a atribuição de sentido ao mundo social e com disputa e luta em torno dessa atribuição. Para SILVA (2009, p.97) a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. É instável, contraditório, fragmentada, inconsistente, inacabada.

A questão da identidade, da diferença e da alteridade é um problema social ao mesmo tempo em que é um problema pedagógico e curricular.

É um problema social porque, em um mundo heterogêneo, o encontro com o outro, com o estranho, com o diferente, é inevitável.

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, as vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de *diferença*. (HALL, 2006, p. 21)

É um problema pedagógico e curricular não apenas porque as crianças e os jovens, em uma sociedade atravessada pela diferença, forçosamente interagem com o *outro no próprio espaço da escola*. Na abordagem Pós-estruturalista, a pedagogia e o currículo, tratariam a identidade e a diferença como questões de política. Em seu centro, estaria uma discussão da identidade e da diferença como produção.

(...) Uma política pedagógica e curricular da identidade e da diferença tem a obrigação de ir além das benevolentes declarações de boa vontade para com a diferença. Ela tem que colocar no seu centro uma teoria que permita não simplesmente reconhecer e celebrar a diferença e a identidade, mas questioná-las. (SILVA, 2009, p. 100)

Segundo SILVA (2009) um currículo e uma pedagogia da diferença deveriam estimular, em matéria da identidade, o impensado e o arriscado, o inexplorado e ambíguo, em vez do consensual e do assegurado, do conhecido e do assentado. Favorecer, enfim, toda experimentação que torne difícil o retorno do eu e do nós ao idêntico.

Para o autor (SILVA, 2009) a pedagogia deveria aproximar-aprendendo, aqui, uma lição da chamada "*filosofia da diferença*" - a diferença do múltiplo e não do diverso. A multiplicidade é ativa, é um fluxo, é produtiva. É uma máquina de produzir diferenças – diferenças que são irredutíveis à identidade.

É pensando nesta abertura para um outro mundo que trago a análise das "Cartas Pedagógicas" escritas por Paulo Freire. Por acreditar que nelas estão presentes estruturas sociais históricos e filosóficos que se assemelham com a posição pós-estruturalista.

Primeiro iremos analisar a apresentação do livro “Pedagogia da Indignação” para depois analisar as “Cartas Pedagógicas” escritas por Paulo Freire.

## **2.0- A origem e a apresentação do livro: Pedagogia da Indignação, de Paulo Freire.**

*Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* é um livro que reúne cartas e textos escritos por Paulo Freire. O livro está dividido em duas partes: primeira que traz as “Cartas Pedagógicas” que foram escritas por Paulo Freire entre dezembro de 1996 a maio de 1997; a segunda parte traz seis textos selecionados por Ana Maria Freire, escritos por Paulo Freire, em 1992 e em 1996, para serem publicados em livros do autor e apresentados em conferências.

O livro também conta com a apresentação, que é feita pela organizadora do livro, Ana Maria Araújo Freire, esposa de Paulo Freire. E com uma carta- prefácio escrita por Balduino A. Andreola, professor titular aposentado da Faculdade de Ciências da Educação (FACED)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Para o nosso estudo iremos, agora, somente analisar a apresentação do livro escrito pela esposa de Paulo Freire, Ana Maria Araújo Freire e as “Cartas Pedagógicas” escritas pelo autor antes de sua morte em 1997. Não analisaremos a segunda parte do livro que contém textos selecionados por Ana Maria Freire, intitulado “Outros Escritos”.

Ana Maria Freire começa a apresentação do livro relatando sua emoção ao entregar aos leitores de Paulo Freire um livro que ele escrevia no ano de sua morte. Comenta também que algumas cartas não publicadas ficaram inacabadas e que estes escritos tornaram para ela um grande obstáculo, porque representava que seu esposo teria realmente morrido.

(...) Foi difícil para mim iniciar a leitura dessas páginas. Tinha medo. Era como se isso fosse confirmar o fato consumado de sua ausência, tão dolorosa quando irreversível. Ler um livro incompleto de Paulo implicaria para mim estar novamente diante de sua morte. (...)  
(FREIRE, 2000, p.10)

Este “grande obstáculo” relatado e vivido por Ana Freire foi superado pela certeza da autora que a organização e a publicação de um livro, contendo “Cartas Pedagógicas” escritas por Paulo Freire, eram de grande valia para os seus leitores, juntamente com os estudos e a reflexão das abordagens feitas por Paulo Freire nos assuntos das cartas.

A escolha do nome “Pedagogia da Indignação” para o livro que contem “Cartas Pedagógicas” escritas por Paulo Freire, foi feita pela sua esposa Ana Freire, porque o autor não tinha terminado o livro quando veio a falecer. Ana Freire revela quais foram os motivos que fizeram escolher este nome para o livro de seu esposo.

Segundo a autora, Paulo Freire mostra em suas “Cartas Pedagógicas” toda sua revolta, indignação aos fatos históricos, sociais e políticos que aconteceram na sociedade. Segundo a autora o nome “Pedagogia da Indignação” não foi o primeiro nome que ela pensou, um dos nomes pensados foi “Pedagogia do Amor”, o outro foi “Pedagogia da Esperança”, título este já usado por Paulo Freire em um dos seus livros.

Porém “Pedagogia da Indignação” traduz muito bem os assuntos abordados pelo autor das cartas e “demonstra a sua indignação, a sua legítima raiva e a sua generosidade de amar, resolvi que o título do livro deveria corresponder a essa sua permanente atitude e inteligência perante a vida e o mundo”. (FREIRE, 2000, p.12)

Para finalizar a apresentação do livro, Ana Freire, deseja que os leitores e leitoras de Paulo Freire não considerem o livro “Pedagogia da Indignação” como uma “obra póstuma”. Ana Freire gostaria que o livro “Pedagogia da Indignação” fosse “considerado como a obra que celebra a sua vida”. (FREIRE, 2000, p.13)

Para que trazer para esta análise a apresentação do livro “Pedagogia da Indignação” de Paulo Freire? Para que relatar o depoimento de sua esposa Ana Maria Araújo Freire? Quais os conceitos de homem, sociedade e pedagogia que estão presentes nesta apresentação?

Acredito que quando Ana Freire faz a apresentação deste livro que Paulo Freire não teve a oportunidade de acabar e intitular, ela expõe seus reais sentimentos, e revela sua identidade que é “ser” a esposa de Paulo Freire, a pessoa que conviveu com ele os momentos de produções e questionamentos (“como diria o meu marido”). Ana Freire demonstra nesta apresentação sua identidade como mulher, esposa, companheira, pessoa que comungava com as mesmas idéias de Paulo Freire.

Ana Freire traz concepções em sua apresentação que traduz os conceitos de identidade, alteridade e cultura. Trata com diferentes expressões lingüísticas a questão do gênero literário como: “leitores e leitoras”; “aqueles e aquelas”; “educadores e educadoras” e “homens e mulheres”. A autora traz escrita em sua apresentação à clareza de que o mundo social – histórico está composto por relações de poder entre “oprimidos (as) e injustiçados” e os que detêm o monopólio do poder.

### **3.0– As “Cartas Pedagógicas” de Paulo Freire presente no livro “Pedagogia da Indignação”.**

Para que possamos começar a analisar as “Cartas Pedagógicas” que foram escritas por Paulo Freire, antes de sua morte, publicada por sua esposa Ana Freire, no livro “Pedagogia da Indignação”, iremos situar o educador Paulo Freire de acordo com seus pensamentos pedagógicos que revolucionaram a maneira de educar no Chile e em alguns países do Continente Africano.

A Pedagogia de Paulo Freire tem uma grande influência nos educadores brasileiros que atuam na educação formal, porém esta pedagogia foi formulada, por Paulo Freire, inicialmente para atuar na educação não- formal.

Paulo Freire foi um pesquisador e educador que teorizou uma linha pedagógica, dentro da concepção progressista da educação, conhecida como Tendência Progressista Libertadora.

Nessa tendência o educador e o educando, possuíam um papel importante dentro do processo de aprendizagem. Professor e alunos, mediatizados pela realidade que apreendem e da qual extraem o conteúdo de aprendizagem,

atingem um nível de consciência dessa mesma realidade, a fim de nela atuarem, num sentido de transformação social.

A forma de trabalho educativo é o “grupo de discussão” a quem cabe autogerir a aprendizagem, definindo o conteúdo e a dinâmica das atividades. O professor deve caminhar “junto”, intervir o mínimo indispensável, embora não se furte, quando necessário, a fornecer uma informação mais sistematizada.

Os conteúdos do trabalho educativo dispensam um programa previamente estruturado, trabalhos escritos, aulas expositivas, assim como qualquer tipo de verificação direta da aprendizagem.

A educação tradicional foi nomeada por Paulo Freire como uma “educação bancária” – que visa apenas depositar informações sobre o aluno. A educação Libertadora questiona concretamente a realidade das relações do homem com a natureza e com outros homens, visando a uma transformação, daí ser uma educação crítica.

As formulações de Paulo Freire se restringiram à educação de adultos ou à educação popular em geral, muito professores vêm tentando colocá-las em práticas em todas as modalidades de ensino formal.

Podemos considerar Paulo Freire dentro do pensamento filosófico da fenomenologia. Principalmente no que se refere à busca da interpretação do mundo através da consciência do sujeito formulada com base em suas experiências.

No livro “Pedagogia da Indignação” está contida a filosofia defendida por Paulo Freire. Há três cartas escritas por Paulo Freire, entre os anos de 1996 a 1997. Essas cartas são: “Do espírito deste livro”; “Do direito e do dever de mudar o mundo” e “Do assassinato de Galdino Jesus dos Santos- índio pataxó”.

Na primeira carta Paulo Freire revela o motivo de escrever “Cartas Pedagógicas”, o seu interesse em fazer um livro com cartas que trouxe uma linguagem simples e acessível a todos os pais e filhos, professores e alunos. Nesta primeira “Carta Pedagógica” Paulo Freire discutiu questões como: a reforma agrária e a importância do movimento dos “Sem Terra” para a promoção



da reforma agrária brasileira. A adaptação ao mundo, as situações que fazem homens e mulheres incapazes de mudar o mundo, luta pela transformação desta realidade.

A Educação Progressista que o autor tanto defende em seus discursos pedagógicos. A “tirania da liberdade”, apresentando exemplos de filhos e filhas que não têm limites e que pais são “licenciosos” em relação a sua autoridade: exageros de liberdade, pais equivocados, autoritários, pais amorosos da liberdade; exemplifica como devem ser os pais em relação ao exemplo de vida que eles devem dar aos seus filhos.

A utopia de mudar o mundo; a educação como possibilidade de mudança de homens e mulheres; o discurso de acomodação; o alfabetizador progressista; a cidade como uma questão política; a experiência de “leitura do mundo”; a leitura crítica do mundo; tarefas da pedagogia crítica radical libertadora; a impossibilidade de ação na pedagogia tecnicista. Traz a sua vontade e decisão de parar de fumar. As injustiças que se tornam fatalidades; a história como possibilidade, jamais como determinação; desigualdades; o poder dos poderosos; a democracia que deve ser fundada na ética.

E termina esta primeira carta dando um exemplo de um aluno de alfabetização de Jovens e Adultos que aprendeu a ler, que durante o seu discurso de formatura manifestou sua “re- leitura” do mundo. Paulo Freire chama a nossa atenção para a possibilidade deste homem ter se assumido como um “tarefeiro” e não apenas um mecânico da leitura e da escrita de palavras.

Nesta carta, Paulo Freire, reconhece que a história e a cultura da humanidade são mutáveis, ativamente produzidas, socialmente construídas e que há várias culturas. Revela sua identidade como pai, defensor de uma pedagogia Progressista Libertadora, uma pessoa fumante, que luta para sair do vício, pai que busca com “bons exemplos” educar seus filhos e netos. Homem apaixonado pelos movimentos sociais e pela Educação de Jovens e Adultos.

Na segunda “Carta Pedagógica”: “Do direito e do dever de mudar o mundo”, Paulo Freire começa afirmando que o mundo pode ser mudado por homens e mulheres, porém é impossível transformar o mundo sem sonho.

Paulo Freire nesta carta aborda os seguintes assuntos: que sonhar em mudar o mundo é um ato político. O momento real é histórico que revela marcas antigas que envolvem compreensão da realidade, interesse de grupos, de classe, preconceitos, gestão de ideologia que se vem perpetuando em contradição com aspectos mais modernos, expondo nesta discussão a questão da relação do poder.

Traz ainda o exemplo dos “Sem Terra”, que os latifundiários estão amparados por uma legislação que está a serviço de seus interesses. Que a luta pela reforma agrária representa o avanço necessário para acabar com o atraso. Continua falando sobre a opção progressista, que é uma luta ideológica, política e pedagógica, e que pode ocorrer em qualquer lugar. Devemos ter a capacidade de pensar, comparar, escolher e de ser ético. E que a ética é a capacidade de comparar e de assumir responsabilidade. E que homem e mulheres são transgressores da própria ética.

Busca questionar sobre a intervenção e a adequação ao mundo. Salienta que a adequação gera acomodação e discursos fatalistas. E que isso é a diferença primordial entre condicionamento e determinação.

Quando homens e mulheres tentam fazer o futuro, primeiro eles têm que “desproblematizá-lo”. Essa é a importância da subjetividade na história. Enfatiza a diferença entre subjetividade e objetividade. Fala da história como possibilidade, tornando homens e mulheres seres inacabados. Sempre defende em suas “Cartas Pedagógicas” a educação progressista. Fundamenta que a educação jamais será neutra, não deve ser puro treinamento, deve recusar “*status quo*”. Reconhece os limites e a força da educação formal e informal, seu poder de intervir no mundo, contra o discurso fatalista.

Segundo FREIRE (2000) a tarefa dos progressistas é de estimular e possibilitar a capacidade de intervir no mundo. E que os progressistas devem dar exemplos ao mundo com sua postura ética.

Termina a segunda “Carta Pedagógica” fazendo um convite para que todas as pessoas marginalizadas, discriminadas, excluídas e desrespeitadas procurem unir-se em movimentos que o autor chamou de “Marcha dos

desempregados, dos injustiçados, dos que protestam contra a impunidade, dos que clamam contra a violência, contra a mentira e o desrespeito à coisa pública. A marcha dos sem –tetos, dos sem- escola, dos sem- hospital, dos renegados” (FREIRE, 2000, p.61)

Nesta segunda carta podemos constatar que Paulo Freire tem uma crença muito forte e esperançosa sobre a educação, tanto formal como a informal, que ele como também os autores Pós- Estruturalistas acreditam que a educação deve ser um exercício questionador, de buscar sair dos padrões estabelecidos por um currículo que visa somente à repetição dos conhecimentos científicos e históricos, como se esses fossem conhecimentos estáticos e ditos com válidos.

A terceira e última carta, intitulada de: “Do assassinato de Galdino Jesus dos Santos- índio pataxó” é uma síntese de uma revolta do autor pelos acontecimentos na sociedade brasileira no qual a identidade e a diferença do outro não esta sendo reconhecida.

Paulo Freire busca entender esta violência na educação formal e informal que cinco jovens receberam. Na educação informal traz de volta os conceitos de “tirania da liberdade”, e de “pais licenciosos”, “pais que não dão limites aos filhos”. Na educação formal, Paulo Freire, tentar responder essa “perversidade intolerável”, questionando o currículo e as práticas pedagógicas onde ainda o “índio continua minimizado”, não somente os índios, mais todas as pessoas consideradas “anormais” ou “exóticas” como nos questiona a posição pós – estruturalista.

Para finalizar esta terceira carta Paulo Freire tenta destacar valores como a ética, a Educação ambiental, o respeito à vida dos seres humanos, e dos animais, amor entre os homens e mulheres, entre os seres humanos, o amor pelo mundo e a equidade.

### **Considerações Finais**

Paulo Freire sempre questionou a relação de poder existente entre oprimidos e opressores, apoiou os movimentos sociais, foi defensor da

cultura popular e teorizou que a pedagogia e o currículo oficial apresentam uma educação “bancária” e somente transmissora de conhecimentos, além de trabalhar muito bem as questões binárias.

Posiciona a história e a cultura da humanidade como histórica, mutáveis, como possibilidades de uma produção social, simbólica e discursiva. Em seus textos defende a existência do diferente, da representatividade, questiona as formas de poder que dão suporte e sustentam a definição de incluir/ excluir, demarcar fronteiras, classificar e normalizar.

Ao considerar todos estes fatos presentes não somente nestas “Cartas Pedagógicas”, mas em todas as obras produzidas por Paulo Freire, podemos concluir que o autor foi e continua sendo um ponto de partida para que nós educadoras e educadores, independente de sermos profissionais da educação formal ou não formal, questionemos o porquê do currículo escolar ser pronto e acabado.

Precisamos reformular o nosso currículo escolar para que as diferenças e a cultura sejam trabalhadas, entendida e desveladas. Compreender o outro, descobrir novas culturas, conscientizar sobre nossas diferenças e identidade é um dos passos mais importantes para que nossos futuros homens e mulheres sejam responsáveis pelos seus atos.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP: 2000.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós- modernidade*. Trad: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Lobo. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da Educação*. Coleção Magistério. Série Formação do Professor. Ed. Cortez. São Paulo, 1994.

MOREIRA, Flávio Antônio; CANDAU, Vera Maria. *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 2 ed. Petrópolis. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Col. Estudos culturais em educação).

\_\_\_\_\_. *Documentos de Identidade. Uma introdução às teorias do currículo*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

\_\_\_\_\_. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. MOREIRA, Antônio Flávio. (orgs). *Currículo, cultura e sociedade*. Trad.: Maria Aparecida Baptista. 8ed. São Paulo: Cortez, 2005.